

# A elaboração na clínica psicanalítica com crianças<sup>1</sup>

Maria Teresa de Melo Carvalho<sup>2</sup>, Belo Horizonte

## Introdução

O interesse em abordar o tema da elaboração nesta jornada sobre psicanálise com crianças surgiu a partir de duas motivações. A primeira delas vem de uma situação frequentemente vivida por jovens analistas de crianças – a saber, o receio de que o tempo da sessão com a criança seja ocupado integralmente por um brincar que não revela conteúdos a serem trabalhados. Em sessões de supervisão, frequentemente ouvimos a seguinte fala: “tive a impressão de que, nessa sessão, só brincamos”. Essa fala é normalmente acompanhada de um sentimento de incompetência no trabalho com a criança. A segunda motivação advém da leitura de uma passagem de um livro de Silvia Bleichmar (2010), em que a autora relata o seguinte episódio:

Quando comecei a trabalhar com psicanálise de crianças, coube-me, num hospital, ser a observadora de um grupo coordenado por alguém que, naquela época, se considerava muito *brilhante*, onde as crianças, que eram enuréticas, ficavam em um barco a sessão

1 Trabalho apresentado na II Jornada de Psicanálise com Crianças: “Singularidades da Técnica Psicanalítica na Clínica com Crianças”, em julho de 2024. Mesa 1: “Implicações da Metapsicologia na Técnica Psicanalítica com crianças”, organizado pelo Núcleo de Psicanálise com Crianças da Constructo Instituição Psicanalítica.

2 Psicóloga, psicanalista, doutora em psicanálise pela Universidade Paris 7, professora aposentada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

inteira, as crianças brincavam de remar durante toda a sessão, claro, porque eram enuréticas. O consultório, metaforicamente, ia se enchendo de xixi, então a terapeuta apontava e me dizia “Como elaboram!” Eu respondia: “Elaboram o quê?”, porque na realidade iniciaram e terminaram o tratamento remando. Ninguém contou às pobres crianças sobre o que elas estavam remando. Então, a única forma de operar sobre as representações é através da linguagem e a interpretação é o único elemento que temos à nossa disposição para transformar as redes de representações que produzem a situação patogênica. (p. 26, tradução nossa)<sup>3</sup>

## A legitimidade do brincar como expressão simbólica na análise com crianças

Essas fontes motivadoras remetem à história da psicanálise com crianças e, em particular, às intervenções de Anna Freud e de Melanie Klein no debate que pode ser considerado como inaugural desse campo, após o marco fundamental representado pelo caso do pequeno Hans. Refiro-me ao “Colóquio sobre a Análise de Crianças”, realizado em 1927 na Sociedade Britânica de Psicanálise. Nessa ocasião, Anna Freud (1971) contestou a equivalência entre o brincar da criança e a verbalização e livre associação do adulto, argumentando que o conteúdo simbólico não é o que prevalece no brincar, pois este tem outras funções para além da simbolização. Assim, as interpretações correm o risco de serem forçadas.

---

3 [“Cuando yo empecé a trabajar en psicoanálisis de niños me tocó en un hospital ser la observadora de un grupo que coordinaba alguien que, en aquella época, se creía muy chingón, donde los niños, que eran enuréticos, andaban en un bote toda la sesión, los niños jugaban a remar toda la sesión, por supuesto, porque eran enuréticos. El consultorio, metafóricamente, se iba llenando de pipí, entonces el terapeuta lo señalaba e me decía ‘¿Cómo elaboran!’. Yo le respondía: ‘¿Elaboran qué?’, porque en realidad empezaron y terminaron el tratamiento remando. A los pobres niños, nadie les dijo sobre qué estaban remando. Entonces, la única manera de operar sobre las representaciones es a través del lenguaje y la interpretación es el único elemento que tenemos a nuestra disposición para transformar las redes de representaciones que producen la situación patógena”].

Klein (1927/1992), por sua vez, mostrou-se em desacordo com essa posição de Anna Freud, sustentando que o brincar pode, sim, equivaler à fala e pode ser dirigido à analista. Comentado esse texto de Klein, Laplanche (1987) nos convida a pensar que, quando o brincar está “dentro” da sessão de análise, ele pode ser mais simbólico; o importante não é, então, a matéria da qual o discurso é feito – se é feito de material verbal ou gestual –, mas sim o fato de que ele é endereçado a alguém.

Podemos afirmar que a argumentação de Klein em resposta a Anna Freud representa conquistas que ainda hoje são válidas na análise de crianças. Em primeiro lugar, está o papel do brincar em sua equivalência com a livre associação, o que torna legítimo o recurso à interpretação. Tal como proposto por Freud (1914/1969), a interpretação deve suscitar novas associações que, por sua vez, possibilitam novas interpretações, em um enriquecimento progressivo entre o material trazido pela criança e a interpretação. Este seria exatamente o requisito para a elaboração. Uma segunda conquista para o campo da análise com crianças que resulta da argumentação de Klein reside na importância da especificidade da escuta da analista, pois é essa maneira singular de ouvir a criança e de intervir diante do que se ouve que faz com que a criança passe a endereçar o brincar à analista. Baseando-nos nas elaborações de Laplanche sobre a transferência (1987), podemos afirmar que a singularidade da escuta analítica advém da atenção do analista à imissão do pulsional nas expressões do paciente. O método da livre associação por parte do paciente e da atenção livremente fluante por parte do analista visa a possibilitar a instauração do espaço em que a análise se torna possível. Essa instauração não se faz de uma só vez no início do tratamento, mas sim durante toda a análise, pois equivale justamente à instauração, renovada a cada sessão, de um lugar que propicia a circulação do pulsional.

## **As intervenções da(o) analista sobre o brincar sob diferentes perspectivas teóricas**

Tendo retomado esses elementos fundamentais para o trabalho analítico com crianças, recorro a um breve fragmento clínico, com o intuito de dar continuidade ao tema da elaboração. Trata-se de um fragmento do meu trabalho com uma criança que tinha entre seis e sete anos à época em que ocorreu o que relato a seguir. Aninha, como irei chamá-la, elegeu como brincadeira privilegiada nas sessões a família de bonecos composta de pai, mãe, menina e menino, bebê e babá, que também poderia ser a professora, quando a encenação se passava na escola. Desses personagens, seu preferido era o menino, a quem deu o nome carinhoso de Pablito. Mas Pablito era impossivelmente levado, só fazia coisas erradas, seus comportamentos contrariavam as regras e as recomendações dos adultos. Sessão após sessão, ela se empenhava na encenação de situações em que Pablito iria inevitavelmente aprontar alguma travessura. Como lidar com esse material para permitir o progresso da análise e, conseqüentemente, a elaboração pela criança? Vejamos, a seguir, algumas alternativas.

- 1) Deixar que a criança brinque e simplesmente observá-la não é, evidentemente, o caso, pois recairíamos na situação criticada por Bleichmar; a criança não necessitaria de uma analista se o brincar por si só representasse uma elaboração. Não se pode negar o caráter simbólico e eventualmente propiciador de elaboração psíquica do brincar espontâneo da criança, tal como Freud (1908/2015) propôs em seu texto “O poeta e o fantasiar” (pp. 53-66). No entanto, quando se trata da elaboração dentro do processo de análise, a intervenção do analista é necessária justamente para abrir a possibilidade da tomada de consciência de conteúdos inconscientes que subjazem à repetição sintomática por parte do paciente.

- 2) Interpretar a brincadeira da criança no mesmo sentido em que Klein interpretou no caso Dick, por exemplo, e Freud no caso Hans. Relembremos: Dick era uma criança que não brincava e se mostrava indiferente à presença de Klein e aos estímulos da sala. Da história de Dick relatada pela mãe, Klein sabia de seu interesse por estações e trens, por maçanetas de portas, por abrir e fechar portas. Sabendo disso, Klein, logo na primeira sessão, pega dois trenzinhos, um maior e outro menor, e os nomeia como “trenzinho Dick” e “trenzinho papai”, o que leva Dick a pegar o trenzinho pequeno, conduzi-lo até a janela e dizer “estação”. Klein (1920/1992) explica: “a estação é a mamãe, Dick está entrando na mamãe” (p. 225). Essa fala de Klein propiciou a continuidade da brincadeira por parte de Dick, abrindo espaço para novas intervenções e para o progresso do tratamento. Trata-se de uma intervenção – que, diríamos, muito mais uma construção do que uma interpretação – baseada na teoria que pressupõe a existência de roteiros fantasísticos universais que atuam desde cedo, impulsionados pelas pulsões de vida e de morte. Nesse caso, estaria em ação a relação sádica com o corpo da mãe, que Dick não conseguia fantasiar, pois sua possibilidade de simbolizar não havia se desenvolvido. A intervenção de Klein busca, então, expressar em palavras aquilo que estaria operante no psiquismo de Dick, mas que ele não podia colocar em palavras e tampouco em uma brincadeira espontânea e não induzida pela analista, como foi o caso.

No caso Hans, na visita que Hans e o pai fazem a Freud (1909/2021), este lhe diz o seguinte: “Que muito tempo antes de ele nascer eu já havia ficado sabendo que chegaria um pequeno Hans que amaria tanto sua mãe, a ponto de precisar temer o pai e que isso eu havia contado a seu pai” (p. 225). Aqui, trata-se, também, de uma intervenção baseada na teoria que pressupõe o complexo de Édipo como um complexo universal na estruturação do

psiquismo, ou seja, como um roteiro fantasístico que, inelutavelmente, orienta o desejo e os conflitos da criança.

Logo, tanto Klein quanto Freud estariam orientados por uma teoria da constituição do psiquismo na qual o fator endógeno tem primazia – isto é, as fantasias universais que operam desde cedo no psiquismo da criança têm primazia sobre as determinações advindas do contato com o outro, com o adulto que cuida da criança. Mas se nós nos orientarmos pela teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche, abordagem na qual busco me situar para trazer minha contribuição nesta jornada, postularíamos, ao contrário, a primazia das determinações advindas do contato da criança com o adulto e, mais especificamente, com as mensagens enigmáticas que este endereça à criança e que são enigmáticas por serem comprometidas com as fantasias sexuais inconscientes do adulto. Compreendemos, então, que a criança é impulsionada não por pulsões já potencialmente presentes desde o nascimento e que investem roteiros fantasísticos universais, mas sim por pulsões que irão se constituir como resultado da excitação provocada nela pelo adulto com seus gestos de cuidado, com suas interdições, enfim, com toda a gama de sua comunicação com a criança. Essa forma de compreender a constituição e o funcionamento psíquico nos conduz à compreensão das intervenções de Klein no caso Dick e a intervenção de Freud no caso Hans não como interpretações de conteúdos inconscientes, mas sim como uma enunciação que propicia a simbolização e a conseqüente ligação de uma excitação que, vinda do outro, do universo adulto, toma conta da criança, que se encontra sem recursos para contê-la, ligá-la a representações. Nos termos de Laplanche, podemos dizer que se trata de uma “ajuda à tradução” das mensagens enigmáticas endereçadas pelo adulto à criança, sendo a tradução equivalente ao recalçamento. A excitação psíquica que antes estava livre, invasiva, provocando angústia, é ligada pela tradução, que deixa restos no inconsciente. Estamos falando, então, de intervenções que promovem o recalçamento e não de interpretações de conteúdos inconscientes. É

importante esclarecer que não se pode ignorar a diferença entre Dick e Hans no que diz respeito ao momento da constituição do psiquismo em que se encontram na ocasião de suas análises. Enquanto Dick dava sinais de um fracasso radical do recalçamento nos primórdios da constituição psíquica, Hans estava às voltas com os desafios inerentes à resolução do Édipo, nos termos freudianos, ou seja, com os desafios do momento em que o recalçamento originário deve ser selado pelo recalçamento secundário. Feitas essas considerações teóricas, retomo o caso de Aninha para pensar como sua brincadeira poderia ser abordada, levando em conta a perspectiva da teoria da sedução generalizada:

- 3) no caso de Aninha, percebi que Pablito, seu personagem preferido, ocupava claramente o lugar de figura identificatória, pelo grau de empenho e satisfação com que a paciente encenava suas travessuras. No entanto, Aninha era uma menina muito bem-comportada, obediente e até mesmo um tanto inibida na manifestação de seus desejos e pensamentos, o que me levou a pensar que Pablito estaria representando aquilo que ela desejava, mas não podia integrar em seu Eu, projetando-o para o exterior. Isso faz sentido e poderia gerar uma interpretação como a seguinte: “Aninha tem vontade de fazer travessuras como Pablito, mas tem medo que mamãe fique brava e não goste mais dela”. Isso é certamente válido, pois não raro crianças se contêm por medo de perder o amor do outro. Nos termos de Klein, podemos afirmar que ela projeta o sadismo para fora pela impossibilidade de integração dos objetos internos, dos objetos maus e dos objetos bons, o que a deixa na iminência de perder o bom objeto. Essa intervenção provavelmente desencadearia novas associações na brincadeira e faria o trabalho progredir. Mas o que fazer caso não ocorra essa progressão e, ao contrário, se perpetue a repetição do mesmo padrão de brincadeira? Penso que, nesse caso, é importante considerar que há uma singularidade na história dessa criança, alguma mensagem específica vinda do mundo adulto, que

está a impulsionando na busca de um sentido, que, no entanto, ela não está conseguindo alcançar. E, sendo assim, aquilo que ouvimos nas entrevistas com os pais tem importância crucial. No caso de Aninha, o que ouvi nessas entrevistas permitiu-me inferir que Pablito poderia representar, também, o pai: um pai que fazia todo o tipo de travessuras, que eram odiadas pela mãe (brigas no trânsito, desrespeito ao sogro e à sogra, entre outras) e das quais a mãe queria se livrar e queria livrar a filha também. Entretanto, por certos interesses, mantinha o casamento, embora o mantivesse à distância – cada cônjuge vivendo com os respectivos pais. Levando em conta a situação dos pais, podemos, então, pensar em uma nova interpretação: “Pablito se parece com papai quando papai faz coisas de que mamãe não gosta”. Essa interpretação se fundamenta, em alguma medida, na teoria que postula a importância do vínculo da criança com seus objetos de amor, mas, para além disso, leva em conta a singularidade das vivências da criança que, no caso em questão, dizem respeito aos conflitos entre os pais que, de alguma forma, chegavam até Aninha.

Realça-se, aqui, o papel do analista como “guardião do enigma”, retomando a expressão de Laplanche (1992/2008, p. 430). Isso quer dizer que ele não sabe de antemão o que está causando o sofrimento da criança, sua teoria não dá conta disso, e ele vai tentar relançar os enigmas que movem a criança a partir daquilo que escuta na sessão com ela, mas também nas entrevistas com os pais, sobretudo nos casos em que a livre associação da criança não progride.

## **Brincar, repetir e elaborar**

Como expressar, com base na teoria da sedução generalizada, a concepção da elaboração na análise de crianças? Antes de mais nada, é necessário que estejamos de acordo sobre o sentido da elaboração em Freud, para,

então, retomá-lo aqui e pensar como pode ser entendido dentro do aparato conceitual da teoria de Laplanche. Lembremos que os dois autores do *Vocabulário da Psicanálise* propuseram o neologismo “*perlaboration*” para traduzir o termo freudiano “*Durcharbeitung*”, distinguindo-o, assim, do termo “*psychische Verarbeitung*”, que traduziram por “elaboração psíquica”. No entanto, eles próprios notam que “se impõe aproximar elaboração e perlaboração. Existe uma analogia entre o trabalho do tratamento e o modo de funcionamento espontâneo do aparelho psíquico” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967/2001, p. 144), entendido como o trabalho realizado pelo aparelho psíquico com o fim de dominar as excitações que chegam até ele e cuja acumulação corre o risco de ser patogênica.

No texto “Recordar, repetir, elaborar” (*Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten*), Freud (1914/1969) introduz a ideia segundo a qual o analisando realiza um certo trabalho no decorrer da análise, que consiste na integração de uma interpretação, uma vez superadas as resistências que ela suscita. A elaboração na análise se define, portanto, como o processo suscetível de fazer cessar a insistência repetitiva dos conteúdos inconscientes, não somente pela tomada de consciência destes, mas pelo caráter vivido de sua presença na transferência. Daí a possibilidade de sua integração nas redes associativas conscientes e reconhecidas pelo Eu (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967/2001).

O neologismo “*perlaboration*” não é um termo privilegiado na terminologia que compõe a teoria da sedução generalizada de Laplanche. Entendo que ele optou por enfatizar a ideia de trabalho (*arbeit*), que aparece não somente nos termos freudianos de “*Durcharbeiten*” e “*Verarbeiten*”, mas também em “*Trauerarbeit*” (trabalho do luto), em “*Traumarbeit*” (trabalho do sonho), entre outros, que afinal remetem todos ao trabalho que o aparelho psíquico deve fazer para lidar com as excitações pulsionais. Nesse sentido, Laplanche (1987) fala do trabalho da análise, comparando-o, em diferentes contextos,

com o trabalho do sonho e com o trabalho do luto. Da comparação com o trabalho do luto, pode-se depreender o sentido que adquire a elaboração no processo analítico, nos termos da teoria da sedução generalizada. Tal como no luto, o trabalho da análise opera como um verdadeiro trabalho de Penélope diante da perda de Ulisses, trabalho que consiste em destecer a trama construída pelo vínculo com o outro e retecê-la em uma nova trama. Trata-se de um trabalho repetitivo, pois convoca inúmeras lembranças do passado e remonta em direção ao originário. As mensagens enigmáticas do outro, implantadas na criança, lançam originariamente o movimento de tradução-destrução que define a temporalidade humana (LAPLANCHE, 1991a/2008). O trabalho da análise deve colocar em marcha esse processo constitutivo do sujeito ao possibilitar a destruição das antigas traduções, o que é correlativo de uma suspensão parcial do recalçamento e tem como finalidade dar lugar a uma tradução mais englobante, menos assujeitada ao não-traduzido (LAPLANCHE, 1991b/2008). Pode-se, então, afirmar que, na terminologia de Laplanche, a elaboração corresponde à destruição e retradição das mensagens enigmáticas que impulsionam o paciente em suas associações.

Diferentemente do adulto, a criança, especialmente na primeira infância, encontra-se confrontada com a tarefa das primeiras traduções e, em alguns casos, as primeiras tentativas de tradução fracassam radicalmente. Portanto, é muito importante que nos interroguemos sobre como está se passando o processo de constituição psíquica da criança que é nossa paciente: a partir do que ouvimos nas entrevistas com os pais e nas primeiras sessões com a criança, que hipóteses podemos formular a esse respeito? Estaríamos diante de uma criança cujas manifestações indicam um processo de constituição psíquica que está em marcha de forma satisfatória ou indicam, ao contrário, falhas nesse processo?<sup>4</sup> No primeiro caso, nosso método da associação livre

---

4 Formulo essa questão partindo do pressuposto segundo o qual o psiquismo da criança está em vias de constituição, em um processo que tem seus momentos e determinantes específicos, tal

por parte do paciente e da interpretação por parte do analista já pode ser vislumbrado, sendo o brincar da criança equiparável ao dizer do adulto. Acompanhamos as associações pelo brincar conduzido pela criança e estaremos atentas aos indícios do inconsciente: lacunas, conflitos, cargas afetivas intensas, lapsos, repetições etc. A interpretação incide aí, visando a tomada de consciência pela criança do conteúdo que se insinua na sua livre associação de forma que ela possa incluir tal conteúdo em uma nova tradução, em uma simbolização enriquecida, o que promove, então, passo a passo, a elaboração.

No segundo caso – isto é, se nossa hipótese indica falhas, impasses no processo de constituição psíquica da criança –, precisamos considerar que a dificuldade de expressão da criança na sessão será muito mais acentuada, pois ela está às voltas justamente com fracassos de suas tentativas de simbolização, suas tentativas de tradução das mensagens do outro. Nossas intervenções deverão levar em conta a maior necessidade de contenção e de ajuda à tradução e serão feitas pela via de construções propostas à criança, construções baseadas nas manifestações da criança nas sessões e nas entrevistas com os pais, que terão, nesses casos, um peso maior. E é nesse ir e vir entre o trabalho com a criança e com a família que poderá se dar o processo de elaboração.

## Referências

BLEICHMAR, S. *Psicoanálisis extramuros – Puesta a prueba frente a lo traumático*. Buenos Aires: Editorial Entreideas, 2010.

FREUD, A. *O tratamento psicanalítico de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

---

como proposto e desenvolvido por Sílvia Bleichmar em seu livro *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história*. Porto Alegre, Artes médicas, 1993.

FREUD, S. (1908). “O poeta e o fantasiar”, in *Obras incompletas de Sigmund Freud, Arte, literatura e os artistas* (pp. 53- 66). Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FREUD, S. (1909). “Análise da fobia de um garoto de 5 anos (caso Pequeno Hans)”, in *Obras incompletas de Sigmund Freud, Histórias clínicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, S. (1914). “Recordar, repetir e elaborar”, in *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud – vol. XII*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

KLEIN, M. (1920). “The importance of symbol-formation in the development of the Ego”, in *Love, guilt and reparation and other works 1921-1945* (pp. 219-232). London: Karnac, 1992.

KLEIN, M. (1927). “Symposium on child-analysis”, in *Love, guilt and reparation and other works 1921-1945* (pp. 139-169). London: Karnac, 1992.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAPLANCHE, J. (1991a). “Le temps et l’autre”, in *La révolution coprenicienne inachevée 1967-1992* (pp. 359-384). Paris : PUF, 2008.

LAPLANCHE, J. (1991b). “L’interprétation entre déterminisme et herméneutique – une nouvelle position de la question”, in *La révolution coprenicienne inachevée 1967-1992* (pp. 385-415). Paris : PUF, 2008.

LAPLANCHE, J. (1992). “Du transfert : sa provocation par l’analyste”, in *La révolution coprenicienne inachevée 1967-1992* (pp. 417-438). Paris : PUF, 2008.

LAPLANCHE, J. *Le baquet – transcendance du transfert*. Paris : PUF, 1987.

Revisão gramatical de **Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão técnica de **Kenia Maria Ballvé Behr**

**Maria Teresa de Melo Carvalho**

Av. Afonso Pena, 4273/510

30130-008 – Belo Horizonte – MG

mtmelo62@gmail.com

© Constructo Revista de Psicanálise